

Fernando Pessoa

DIÁLOGO NA SOMBRA

DIÁLOGO NA SOMBRA

A . — Quisera saber como és feito por dentro ... Como é a tua vontade por dentro, que coisas há naquela parte do teu sentir que tu não medes que sentes.

E . — Tão feminina nisso ... E és da matéria das coisas irreais!

A . — Quando levantas um braço eu queria saber porque coisas do além, tu levantas esse braço ... O que há por detrás de o tu quererest levantar e de saberes porque o queres levantar? Vim contigo há tanto e não sei quem tu és. ... Reparo às vezes nos pequenos gestos que fazes e vejo quão pouco sei de ti ...

E . — Eu próprio não sei quem eu sou ... Meus gestos são entes estranhos quando reparo neles, e sombras incertas quando não reparo. São uma perpétua revelação a mim próprio. Sou tão exterior a conhecer-me como o mundo externo ... Entre o meu querer erguer um braço e ele erguer-se vai um intervalo divino ... Transponho, entre pensar e falar, um abismo sem fundo humano.

A . — Eu sou simples como uma pedra no caminho ou uma rosa numa roseira.

E . — És simples porque não te espelhas em ti. Uma pedra no caminho é (atónita) um mistério igual a Deus ... Uma rosa numa roseira é tão compreensível como a Vida ...

A . — Olho-te e amo-te e não te possuo nunca. Floriram em (...) as rosas do meu jardim ... Acompanho-te e perco-te sempre que olho para ti.

E . — Eu próprio não me acompanho ... como poderás tu acompanhar-me? Vejo meus pés andar como quem vê passar um cortejo humano nas distâncias e na noite ... Reparo na minha sombra como numa face desconhecida que espreitou de fora à janela da minha moradia ... Não compreendo nada ... Não compreendo nada.

A . — Mas há coisas que tu compreendes e que nunca me confessas. Falas-me dos teus amores e dos teus desejos mas eu sinto que guardas para ti, fechada na mão, uma jóia qualquer do teu sentimento. Porquê se eu te amo e se somos um só?

E . — Porque nunca somos um só. Aquilo que eu não te digo, apesar de habitar-mos juntos este palácio e juntos pensarmos neste jardim. Segredo-o a

mim quando estou mais só e nem ergo a voz, para que me não ouça não sei quem que me não pode ouvir.

A . — Sou a tua Alma e a mim-próprio não me contas tudo! Passou ontem uma brisa leve pelo jardim. Trouxe perfumes de outros jardins [...]

1914?

Textos Filosóficos . Vol. I. Fernando Pessoa. (Estabelecidos e prefaciados por António de Pina Coelho.) Lisboa: Ática, 1968 (imp. 1993): 237.

Diálogo entre a Alma e o Eu?